

ANASTÁCIO, Vanda, NEIVA, Saulo, SANTOS, Gilda (dir.). *L'Atlantique comme pont. L'Europe et l'espace lusophone (XVI^o-XX^o siècles).* Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal, 2012.

Eurídice Figueiredo (UFF/CNPq)

Recebido 22 jun. 2013/Aprovado 11 mar. 2014

O livro, dividido em três partes, “Confrontations avec l'Autre”, “Textes et idées en mouvement” e “Nomadisme des formes”, tem um tema comum que percorre todos os artigos, o Atlântico visto como ponte, ou seja, como possibilidade de encontro e mediação, e não como separação entre continentes.

Alguns trabalhos se ocupam dos dois primeiros séculos do período colonial. Isabel Almeida aborda a obra do padre Antônio Vieira, cuja obra missionária, colocada a serviço da evangelização, trabalhava em prol da coroa portuguesa porque, para ele, as leis de Deus se entrelaçavam com as ordens do Rei e os jesuítas constituíam o elo de ligação entre as ordens profana e sagrada. Já Michel Riaudel analisa o personagem histórico Diogo Álvares, conhecido como Caramuru, através do estudo de documentos do século XVI, portanto antes do nascimento do mito que se cristalizaria com o poema de Santa Rita Durão de 1781. Lisa Vollendorf aborda a questão da vida das mulheres mostrando que até agora as pesquisas negligenciaram o papel das mulheres no intercâmbio de ideias e na circulação de pessoas e de bens culturais. Por outro lado, o aspecto privilegiado sempre foi a influência da Europa sobre a América, quando o que a autora destaca é uma interação complexa entre as diferentes culturas colocadas em contato pelo empreendimento colonial. Já o objeto de análise de Tobias Brandenberger é a obra de Gaspar Frutuoso, autor de Açores que escreveu, no século XVI, *Saudades da terra*, graças à qual Açores deixou de ser mero ponto de passagem para configurar uma nova concepção do espaço atlântico. Jean-Claude Laborie, ao apreciar a questão do barroco no século XVI, lembra que o próprio termo é uma criação da crítica de arte do século XIX e que o único ponto em comum entre as diversas tendências que surgiram na Itália e na Península Ibérica era a perspectiva de uma abordagem do “eu” do artista “cujo gesto criador, mesmo inacabado e elíptico, devia ser recebido como uma afirmação pessoal ao mesmo tempo ontológica e social” (p. 183). Justamente esse aspecto não existe no barroco brasileiro, que se apresenta inicialmente como a arte da conquista: com o prestígio que ele representava, a elite local teatralizava seu poder. Houve posteriormente uma reconfiguração dos modelos europeus nas artes plásticas. Na literatura, se o livro era impresso em Portugal, ele

tendia a seguir o modelo; se não era impresso, como Gregório de Matos, havia uma certa abertura à realidade local, embora as referências europeias estivessem presentes.

Outros textos se debruçam sobre os séculos XVIII e XIX. David Cranmer trata da ópera e do teatro no período colonial (1707-1822) mostrando que Portugal e Brasil funcionaram como províncias da metrópole italiana apesar de os portugueses terem produzido suas próprias obras, em geral inspiradas nas dos grandes centros europeus. Vanda Anastácio estuda histórias de homens ilustres do século XVIII, discutindo a questão do ponto de vista nacional. A autora privilegia a leitura da obra de Antoine-Léonard Thomas, premiada pela Academia Francesa em 1761, que exalta a figura de Duguay-Trouin, comandante da esquadra francesa que conquistou o Rio de Janeiro em 1711, exigindo um resgate para liberar a cidade. O livro, quando foi traduzido para o português, recebeu uma Advertência inicial já que a intenção do tradutor era de restabelecer a verdade dos fatos. Por outro lado, Jean-Yves Mérian discute a propagação das ideias francesas no Brasil no período 1840-1870, como elas foram reinterpretadas (e adotadas ou não) em função da realidade brasileira da época, principalmente devido ao peso da escravidão na sociedade de então. A difusão das ideias se dava através de jornais como *O Globo* e *O Socialista*, ambos do Rio de Janeiro e *O Progresso*, de Recife. O autor analisa mais detidamente o papel de um intelectual de Pernambuco, Antônio Pedro Figueiredo, grande conhecedor das ideias de Saint-Simon e Fourier. Ettore Finazzi-Agrò aponta uma interessante contradição em relação ao papel exercido por Ferdinand Denis: este francês, que passou três anos no Brasil em sua juventude (1816-1819), durante os quais demonstrou seu mal-estar com a falta de civilidade dos brasileiros, tornou-se mais tarde na França o grande especialista de literatura brasileira e até mesmo de literatura portuguesa. Em seus livros, que se tornaram referência para os escritores românticos, ele exprime sua “exaltação nostálgica do Brasil como dimensão edênica e todo poderosa do ponto de vista artístico” (p. 56), ou seja, há uma grande distância entre a experiência vivida e a releitura mítica e mistificadora que ele fez *a posteriori*. A influência de Denis, segundo Antonio Candido, seria responsável pelo exotismo persistente que contaminou nossa visão de nós mesmos até hoje.

O século XX é tratado em vários artigos. Lucia Maria Paschoal Guimarães analisa o papel desempenhado pela revista *Atlântida*, criada pelo escritor brasileiro João do Rio e pelo português João de Barros em 1915 e cujo objetivo era estreitar os laços entre os dois países. Ela desaparece em 1920, tendo construído uma utopia que não cessou com o fim da revista. Kenneth David Jackson começa seu artigo sobre a antropofagia com a noção de “entre lugar”, criada por Silviano Santiago em 1973, quando ele

ainda ensinava na Universidade de Buffalo, nos Estados Unidos. Jackson prefere falar de “entre culturas” para designar a mestiçagem cultural que se deu, empregando-a na sua análise da obra de Oswald de Andrade e do livro *Quelques visages de Paris* (1925) do artista plástico Rego Monteiro. O primeiro teve uma recepção crítica abundante, já o livro de Rego Monteiro é menos conhecido. Trata-se de uma série de 10 desenhos de monumentos de Paris representando as impressões de um cacique amazônico durante sua visita à capital francesa. Esse livro inverte o ponto de vista de Oswald: em vez de o canibal devorar a arte europeia que lhe chega no Brasil, ele vai a Paris e devora os monumentos através de uma reinterpretação numa leitura gráfica e simbólica indígena. Já José Miguel Wisnik se debruça sobre a presença da poesia de Fernando Pessoa na canção popular brasileira, sobretudo no trabalho de Caetano Veloso. O autor lembra que o compositor baiano, ao interpretar *É proibido proibir*, no Festival Internacional da Canção em 1968, recitou um trecho de Fernando Pessoa, o que lhe rendeu muitas vaias. Gilda Santos estuda a inserção de intelectuais portugueses na sociedade brasileira e o papel desempenhado pelo jornal *Portugal Democrático*, que saiu no período 1956-1975 em São Paulo. Dentre esses intelectuais que haviam fugido do salazarismo destacam-se as figuras de Joaquim Barradas de Carvalho, Jorge de Sena e Adolfo Casais Monteiro. Saulo Neiva compara três poemas épicos que tratam da viagem através do Atlântico: dialogando com *Os Lusíadas* e com *Mensagem*, Gerardo Mello Mourão faz uma idealização do passado coletivo em *Invenção do mar* (1997); já no poema *Les Indes* (1955), de Edouard Glissant, há uma dimensão crítica da violência do tráfico negreiro; *Omeros* (1990), de Derek Walcott, remete à antiguidade clássica. Este é o único que ultrapassa a simples atualização do mito, ao efetuar uma viagem em sentido contrário em busca da reparação das feridas do passado. Silviano Santiago faz uma leitura de obras da artista plástica brasileira Adriana Varejão. Em *Figura de convite II*, por exemplo, ela se apropriou de um modelo português de azulejaria para dar-lhe novo sentido através de um complexo uso de citações: em vez do homem, uma figura de mulher, em vez do aristocrata europeu, uma alegoria da mulher indígena canibal, inspirada nas reproduções de Theodore de Bry, que percorreram a Europa no século XVI e na *Salomé* de Gustave Moreau, segurando a cabeça decapitada de João Batista.

Trata-se de uma instigante contribuição para os estudos comparatistas que colocam em relação o Atlântico com suas múltiplas viagens e transferências culturais. É importante ressaltar que o livro é fruto da colaboração de três grupos de pesquisa ligados a instituições do Brasil, de Portugal e da França: o Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras do Real Gabinete Português de Leitura, o Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de

Letras da Universidade de Lisboa e o Centre de Recherches sur
les Littératures et la Sociopoétique da Université Blaise Pascal
em Clermont-Ferrand.